

TRADIÇÕES DOCEIRAS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL EM PERSPECTIVA NAS VISITAS MEDIADAS DO MUSEU DO DOCE

MARIANA PLANTZ¹; ROBERTO HEIDEN²

¹ Universidade Federal de Pelotas – marianaplantz@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – heidenroberto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Registro das Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas no Livro dos Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em maio de 2018 representa um importante marco cultural da região, abarcando uma multiplicidade de saberes, identidades e sentidos atribuídos. Considerando a relevância dessas tradições, em 30 de dezembro de 2011 foi criado o Museu do Doce, que se configura como órgão suplementar do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPel. A instituição busca resgatar a memória das tradições doceiras e salvaguardar suportes de memória ligados a essas tradições através da divulgação e pesquisa desse patrimônio. Por meio de suas ferramentas de atuação, o museu promove uma série de atividades de extensão, pesquisa e ensino. Assim, no contexto do projeto de extensão “Multiações Patrimoniais no Museu do Doce – edição 2022”, da qual a autora é bolsista de extensão e cultura do Programa de Bolsas Acadêmicas (PBA) ano de 2022, são realizadas visitas mediadas com o público do Museu do Doce objetivando-se facilitar a interação entre os visitantes e as exposições, potencializando-se assim a difusão da memória e do patrimônio preservado e divulgado pela instituição. Apesar das diferentes denominações que o mediador recebe em diversos países - guia, monitor, anfitrião, explicador - o termo mediador foi considerado o mais apropriado para a atividade desenvolvida pelo projeto, considerando que “[...] a natureza primordial dessa atividade é ser múltipla. Ou seja, um mediador mobiliza habilidades múltiplas para executar sua função: servir de interface entre o público e a exposição, entre o público e o museu” (GOMES, 2013, p. 33).

As visitas mediadas a serem discutidas nesse trabalho ocorreram de 14 de maio a 19 de junho de 2022. Esse período encampa desde o início da atividade do projeto de extensão até a escrita deste texto, e em parte dele passou pelo museu um expressivo número de visitantes oriundos da movimentação da Feira Nacional do Doce (FENADOCE) de Pelotas, edição 2022. Durante o período estudado foram identificados dentre os visitantes três principais segmentos: o público espontâneo formado por visitantes locais, o público infantil constituído de excursões escolares e o público visitante da FENADOCE formado majoritariamente por turistas de outras cidades e estados, e mesmo de outros países, que também visitou o museu. Nesse sentido, é necessário destacar que as visitas mediadas com esses diferentes segmentos de público, com seus diferentes repertórios culturais em relação ao patrimônio representado pelo museu, necessitaram de abordagens distintas, o que por sua vez pode gerar diferentes percepções em relação a esse patrimônio tanto por parte de mediadores como dos visitantes, uma vez que:

As diferenças entre os públicos e as múltiplas formas de interações sociais que podem ocorrer durante a visita possibilitam diferentes leituras de um mesmo objeto. Portanto, para que esse processo de compreensão e apropriação sobre o objeto aconteça, é importante levar em consideração não só os diversos significados de um mesmo objeto, como as diferenças existentes entre os visitantes (MARTINS et al., 2013, p. 12).

O presente texto relata e explora como a memória e patrimônio representados pelo Museu do Doce reverberaram nos diferentes segmentos de público visitante e como isso foi percebido durante a experiência de mediação promovida pelo projeto de extensão “Multiações Patrimoniais no Museu do Doce”.

2. METODOLOGIA

A formação para a atuação enquanto mediador se deu através de um estudo dirigido com referenciais teóricos e culturais que abordam aspectos memoriais e patrimoniais das tradições doceiras de Pelotas e antiga Pelotas. Como referência básica foi utilizado o “Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas”, e o documentário “O Sal e o Açúcar”. Outro referencial foi a dissertação de Alcir Ney Bach, intitulada “Patrimônio Agroindustrial: Inventário das fábricas de compotas de pêssego na área urbana de Pelotas (1950-1990)”, que explora o tema das indústrias conserveiras, assunto de grande interesse dos visitantes.

Como estratégia para abordagem do público durante as visitas mediadas, foram apresentadas informações gerais sobre as tradições doceiras de Pelotas e região e seu contexto histórico, de modo a facilitar a comunicação público-exposição. O nível de aprofundamento das informações discutidas variava conforme a disposição e interatividade do visitante. A divisão dos segmentos de público recebidos pelo museu se deu através da observação da repetição de determinadas características nos grupos de visitantes recebidos, dentre elas a data da visita em relação a FENADOCE, local de origem dos visitantes e a presença do público infantil em excursões escolares que ocorrem principalmente mediante agendamentos. Os dados relacionados ao número de visitantes e seus locais de origem foram levantados através de controle e consulta aos registros feitos no livro de assinatura dos visitantes do Museu do Doce.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos segmentos de público identificados foram os “visitantes espontâneos”, segmento esse formado em sua maioria por pessoas oriundas de Pelotas e região e que visitaram o museu dentro do período estudado. As visitas mediadas voltadas a esse público tendiam a ser mais longas, uma vez que comumente não possuíam maiores restrições de tempo por parte dos visitantes. Foi possível observar um nível de diálogo mais intenso entre esses visitantes e as exposições, uma vez que esse segmento de público apresentava predominantemente, além de maior tempo disponível, também maior conhecimento prévio em relação ao tema das tradições doceiras. Dessa forma, o diálogo entre mediador e visitante revelou também um maior potencial de trocas culturais entre todos os participantes das visitas. Destaca-se que uma parte importante desse segmento de público apresentou grande afinidade e identificação com as áreas de exposição dedicadas ao tema da tradição doceira colonial, em especial aos objetos que remetem as indústrias de doces em conserva das zonas rural e urbana de Pelotas. Foram diversos os visitantes que revelaram possuir alguma ligação com o patrimônio industrial conserveiro, seja em razão de terem atuado como trabalhadores na produção industrial, como proprietários de fábricas ou por seu parentesco com pessoas que possuíam algum tipo de relação com a indústria conserveira. Nesse contexto, por vezes as visitas mediadas se tornavam um momento de compartilhamento de relatos emocionados sobre vivências, relações

sociais, identidade e memórias. Ficava claro o papel do Museu do Doce como instituição que propicia uma aproximação entre a sociedade e seu patrimônio cultural, agindo como “[...] um espaço de partilhas e afetos, multissensorial, onde através de objetos e interações se constrói o conhecimento e vivências que potencializam a identidade de seus visitantes” (SALASAR; MICHELON, 2020, p. 135).

Outro segmento de público identificado foi o dos visitantes oriundos de excursões e grupos escolares, constituído em sua maioria por alunos de escolas de Pelotas e região, com idades entre 6 e 10 anos. Nesse sentido, considerando o papel do mediador como facilitador das informações contidas na exposição, foi constatada a necessidade de se pensar em estratégias eficazes e estimulantes para estabelecer um diálogo compreensível considerando a média de idade deste público. Dessa forma, notou-se que algumas condutas, tais como iniciar o processo das visitas mediadas com breves informações acerca de aspectos práticos da visita, como um resumo do itinerário que seria percorrido, orientações sobre a política institucional para visitação, bem como apresentar os conteúdos abordados e os objetos que seriam vistos, estimulava a atenção dos visitantes para com as exposições e o diálogo proposto pelo mediador. Assim, durante toda a visita foi essencial a utilização de uma linguagem adequada a faixa etária desse público, considerando o nível de reflexão que se buscava instigar. A interação desse segmento de público com a memória e patrimônio representados pelo Museu do Doce, no geral muito ativa, se deu principalmente através de questionamentos acerca dos objetos expostos, com destaque para os tachos de cobre e réplicas expográficas dos doces tradicionais, tendo sido também recorrentes questões sobre o processo de feitura dos doces. Itens do acervo do museu expostos, tais como a máquina descascadora de pêssegos e balanças para medição de peso também despertaram a curiosidade desse segmento, principalmente em relação à forma como esses equipamentos eram operados.

O terceiro segmento de público identificado durante o período analisado por esse trabalho, e o mais numeroso, foi aquele recebido pelo Museu do Doce no período da FENADOCE 2022. De acordo com dados levantados a partir do livro de visitas do museu, foram recebidos 1.530 visitantes durante o evento. Desse total, 404 tinham Pelotas como cidade de origem, 943 eram oriundos de outras cidades do Rio Grande do Sul (cerca de 90 diferentes cidades), 106 de outros estados do Brasil (13 diferentes estados) e 33 de outros países, predominantemente uruguaios. Outros 44 visitantes não identificaram seu local de origem. Cabe ponderar que esse número é menor em relação ao mesmo período de edições anteriores da FENADOCE. Provavelmente esse número foi afetado pelos protocolos sanitários para prevenção a covid-19. Esse terceiro segmento de público apresentou algumas diferenças em relação aos anteriores. As visitas tendiam a ser mais rápidas, já que uma parcela significativa desses visitantes participava de excursões turísticas que contavam com pequenos períodos de visitação organizados quase sempre por guias turísticos. Dessa forma, o processo de mediação era mais desafiador, uma vez que grande parte do público oriundo de outras cidades e estados também não possuíam muitas referências em relação aos temas trabalhados pelo museu. Essas características do público demandavam uma contextualização, que apesar de breve, ainda deveria ser suficiente para apresentar o patrimônio doceiro de forma que a comunicação entre esses visitantes e as exposições do museu tivesse maior significado. A interação desse segmento de público com a memória e patrimônio representados pelo Museu do Doce muitas vezes pareceu ser menos intensa, dada a característica das visitas curtas. Assim como o público infantil das excursões escolares, o foco do interesse dos visitantes da FENADOCE comumente se voltava a materialidade dos objetos

expostos, e menos ao contexto histórico e a própria história que o objeto exposto poderia contar. Nesses momentos, uma das estratégias adotadas por parte da mediadora foi direcionar o diálogo de forma que o potencial desses objetos como suportes de memórias também pudesse ser explorado, indo além de somente sua materialidade. Entendeu-se que nesses casos não se deveria subestimar a materialidade dos objetos, já que:

[...] o limite do mediador deve ser aquele que o visitante solicita. E o visitante pode fazê-lo de muitos modos. O mediador deve estar preparado para entender e acatar o limite solicitado. Entretanto, isto não o exime da responsabilidade de cumprir com o papel de amalgamador das experiências isoladas que cada recurso propõe ao visitante (MICHELON; SALASAR, 2015, p. 44).

4. CONCLUSÕES

A partir da experiência de mediação desenvolvida junto ao Museu do Doce foi possível perceber as várias formas como o patrimônio representado pelo Museu do Doce reverberou junto de seu público, dentre as quais destacamos desde os relatos emocionados dos visitantes já familiarizados com as tradições doceiras, ao interesse do público infantil e oriundo da FENADOCE acerca da materialidade dos objetos expostos. Principalmente, foi possível concluir a grande importância do processo de mediação como uma ferramenta de construção e ampliação de entendimentos e experiências acerca do patrimônio através do diálogo com o visitante, partindo da compreensão de que mediar a relação público-exposição é um processo não somente de fala, mas principalmente de escuta, onde o conhecimento é construído constantemente com a participação do visitante. Dessa forma, se entende que cabe ao mediador a tarefa primordial de adaptar o diálogo aos diferentes contextos de sociabilidade, não só transmitindo uma mensagem, mas transformando-a quando necessário, considerando a bagagem de experiências e interpretações de realidade oferecidas pelo visitante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUSEU DO DOCE. Online. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

GOMES, I. L. **FORMAÇÃO DE MEDIADORES EM MUSEUS DE CIÊNCIA.** 2013. Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO.

SALASAR, D.; MICHELON, F. **Os museus federais e as barreiras de acessibilidade comunicacional.** In: SEMANA DOS MUSEUS DA UFPEL, Pelotas, 2020. Anais da semana dos museus da UFPEL, Pelotas: Ed. da UFPel, 2020. p.134.

MICHELON, F; SALASAR, D. **Uma memória para tocar e ouvir: Mediação e acessibilidade no memorial do Anglo.** Conexão UEPG, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 36-45, 2015.

MARTINS, L. C; NAVAS, A. M; CONTIER, D; SOUZA, M. P. **Que público é esse?** formação de públicos de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013.